CORTESIA DO EDITOR

*Entrevista*

Concedida a Luiz Herrisson

# O sabor das frutas do Brasil



Manoel Dantas

*O Brasil precisa globalizar o mais rápido possível os meios de produção, e não apenas o seu mercado. Do contrário, a fruticultura nacional será completamente exterminada. O alerta é do empresário potiguar Manoel Dantas, 46 anos, dono da Frunorte e representante da iniciativa privada no comitê gestor do Programa de Apoio e Desenvolvimento da Fruticultura Irrigada do Semi-Árido, lançado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, no dia 26 de setembro, em Petrolina (PE).*



Psiquiatra e psicanalista da corrente kleiniana, que trocou as clínicas cariocas pelas lavouras irrigadas do sertão nordestino, Dantas conta ainda que as exportações de frutas brasileiras poderiam passar facilmente de US$105 milhões para US$2 bilhões. A receita para isso, diz ele, é reduzir o custo Brasil e ampliar o controle fitossanitário. Na sua opinião, a falta de uma política de defesa sanitária eficiente é um dos motivos do fraco desempenho das exportações brasileiras de frutas. "Nesse aspecto, deveríamos imitar o Chile, pois eles têm um sistema altamente eficaz. Talvez a lei que mais funcione no Chile seja a de defesa fitossanitária", compara.

■ *A fruticultura brasileira vem enfrentando, nos últimos anos, uma série de dificuldades, como a queda nas exportações – de US$150 milhões em 1993 para US$ 105 milhões em 1996 – e até o fechamento de muitas empresas. Quais são as principais causas da crise?*

— A concorrência desleal e predatória da fruta estrangeira no Brasil enfraqueceu muito o setor produtivo nacional, em função de condições de produção bastante favoráveis. Eles têm taxas de juros bem mais baixas do que as vigentes no país. A taxa de juros de comercialização da fruta chilena, por exemplo, gira em torno de 4% ao ano. Já o desconto de duplicata para a fruta produzida no Brasil varia entre 3% e 4% ao mês. A carga tributária nas frutas brasileiras varia de 25% do melão a 33% na maçã, enquanto a tributação nas frutas peruanas chega no máximo a 9%. Além disso, os encargos trabalhistas no Brasil são de quase 100%, enquanto nesses países são bem reduzidos.

Na realidade, nós globalizamos o mercado, mas não globalizamos os meios de produção, o que acaba inviabilizando o setor. Precisamos reduzir urgentemente o custo Brasil. Não pode é o produtor brasileiro pagar US$ 20,00 para manipular um *pallet* no porto de Natal, um dos mais baratos do Brasil, e um empresário chileno pagar US$7,00 para movimentar o mesmo *pallet* no porto de Valparaíso. Quem tomou dinheiro no Brasil entre 1º de julho de 1994 e 30 de agosto de 1996 pagou 122% de juros. E o chileno, que tomou a mesma quantia, pagou só 9,6% de juros ao longo desse mesmo período. Acho que isso explica por que reduzimos as exportações no período e por que, nesse meio tempo, muitas empresas desapareceram.

■ *A política cambial do governo federal também contribui para esse enfraquecimento?*

— Com certeza. O fato de nossa moeda estar sobrevalorizada beneficia os estrangeiros a venderem seus produtos no Brasil. Além disso, ficou mais oneroso para nós colocarmos nossas frutas lá fora. Por isso, temos que acelerar a globalização dos meios de produção. A velocidade é um fator fundamental para

que o setor sobreviva. Do contrário, ele será totalmente exterminado, erradicado.

■ *Há realmente esse risco?*
— Não, porque o governo está começando a se preocupar. A partir do momento em que o presidente Fernando Henrique Cardoso lançou, no final de setembro, em Petrolina (PE), um programa de apoio ao desenvolvimento da fruticultura irrigada, ele já está alerta e atento para essa questão, porque o setor é muito importante dos pontos de vista econômico, político e social. O problema é que poucas pessoas têm noção da importância da fruticultura no Brasil. Até pelo desconhecimento dos números. A fruticultura abrange 2 milhões de hectares, gera 4 milhões de empregos diretos e um PIB agrícola de US$11 bilhões. É, portanto, um setor da economia importantíssimo em termos de geração de emprego e de renda. Apesar disso, a fruticultura não raro ainda é vista como economia de fundo de quintal, o que não é verdade. O Brasil tem condições edafoclimáticas diversificadíssimas, que permitem estarmos no mercado 12 meses por ano com nossas frutas desde tropicais até temperadas. Está comprovado, por exemplo, que o vale do São Francisco é uma região onde podemos ter uva sem semente de boa qualidade durante todo o ano, enquanto não existe hoje nenhum país no mundo produzindo uva sem semente nos meses de maio e junho e entre novembro e dezembro. Um programa de apoio à fruticultura irrigada, que prevê a implantação de 1 milhão de hectares no semi-árido nordestino, num período de 10 anos, poderá gerar renda no valor de US$10 bilhões, pois cada hectare gera facilmente US$10 mil. Esse milhão de hectares corresponde exatamente às áreas ribeirinhas próximas aos rios São Francisco e Parnaíba e a alguns açudes e represas do semi-árido nordestino.



**Não pode** *é o produtor brasileiro pagar US$20,00 para manipular um* pallet *no porto de Natal e um empresário chileno pagar US$7,00 para movimentar o mesmo* pallet *no porto de Valparaíso.*

■ *Este não é o primeiro programa de apoio à fruticultura idealizado no país. Outros já foram tentados e não deram certo. O que difere este dos anteriores?*
— Pela primeira vez, o Brasil tem um programa feito a quatro mãos, onde há envolvimento direto da iniciativa privada sugerindo ações, lançando propostas concretas, num programa que não é um projeto, mas um processo. Essa é a maior novidade desse programa: governo e iniciativa privada juntos no lançamento de uma política pública, que no passado nunca existiu em relação à fruticultura. Sempre que o governo tenta fazer políticas públicas sozinho, a tendência ao erro é muito grande, porque quer lançar *goela abaixo* idéias, propostas e conceitos que nem sempre coincidem com aquilo de que a sociedade está precisando.

O segundo aspecto importante do programa é contemplar a fruticultura enquanto cadeia produtiva. Este programa vê a fruticultura de A a Z, desde a pesquisa de mercado, o mapeamento vocacional agroecológico das áreas do semi-árido nordestino, passando pela questão tecnológica, pela capacitação de recursos humanos, indo até a questão ambiental e a promoção da fruta, visando à educação tanto da população nacional como estrangeira. Ao contrário de projetos do passado, que se preocupavam muito mais com a questão hidráulica, de irrigar tantos mil hectares, este programa não está preocupado apenas em irrigar 100 mil hectares por ano, mas em construir uma visão de cadeia, que vai permitir irrigar os hectares previstos. Sem essa visão de cadeia produtiva, será muito difícil o programa ser implementado.

■ *Por que é tão importante ter essa visão?*
— É fácil para o Chile ou um país do hemisfério Norte produzir e vender alguns milhões de toneladas de frutas, principalmente quando se trata de pêra, maçã, ameixa e uva, que são frutas tradicionais. Não é tão fácil para o Brasil montar um mercado monstruoso, em nível mundial, de frutas tropicais, que são praticamente desconhecidas. Cerca de 95% dos europeus jamais colocaram um pedaço de manga na boca, e por isso não sabem o sabor da fruta nem como comê-la. Quando experimentam, jamais deixam de comprar manga. Para formar esse mercado, no entanto, é preciso um trabalho em nível de cadeia produtiva. É importante saber desde onde e como plantar, tendo como suporte pesquisas científicas, até a promoção junto à população, mostrando como consumir nossas frutas.

Outro fato novo desse programa é o conceito de sistema produtivo integrado, que eliminará o antagonismo entre grandes e pequenos produtores. A palavra-chave deste sistema é a interdependência. A idéia é a de criar empresas-âncora, empresas-mães, que sejam geradoras de tecnologia e transfiram essa tecnologia para pequenos e médios produtores, além de viabilizar a comercialização dos produtos desses pequenos. Espera-se, portanto, que esse trabalho de produção integrada faça com que a interdependência entre grandes e pequenos seja um elemento de propulsão ao desenvolvimento regional.

■ *Alguns produtores têm reclamado de que o programa não explicita bem onde obter*

*o financiamento, se no BNDES ou no Banco do Nordeste, por exemplo...*

— A intenção do governo, nesse programa, não é colocar dinheiro novo. A idéia é reorientar os recursos que já existem no Nordeste para o setor, como o Nordeste Competitivo, linha do BNDES com recursos da ordem de US$1bilhão, que raramente são utilizados integralmente. Há ainda o Fundo Constitucional do Nordeste (FNE), que dispõe de mais US$1 bilhão, e o Finor, da Sudene, com orçamento superior a US$500 milhões. Agora, por se tratar de uma política pública que está sendo feita a quatro mãos, o programa ainda não está pronto e não tem condições de informar a alguém que vá a determinado lugar pegar o dinheiro. Ele está sendo elaborado em conjunto com a iniciativa privada.

■ *O senhor faz parte do comitê gestor do programa como representante das agroindústrias da região. Quais são as atribuições do comitê?*

— O comitê gestor, que se reúne periodicamente, está discutindo, entre outros temas, a contratação de uma empresa internacional para fazer uma pesquisa em nível mundial sobre o mercado de frutas tropicais, além da preparação de um programa de promoção, tanto em nível interno como externo, e da elaboração de pesquisas voltadas para o semi-árido.

■ *O senhor disse que o programa não é um projeto, mas um processo. Partindo dessa premissa, em quantos anos acredita que o programa estará obtendo resultados concretos?*

— Existe o compromisso das 10 empresas-âncora que fazem parte do comitê gestor de cada uma delas irrigar, a partir de 1998, 6 mil hectares, perfazendo um total de 60 mil hectares. Ou seja, o programa já começará a obter resultados concretos a partir do ano que vem. E esperamos que essa visão de cadeia se processe, porque aí jamais o programa terá um fim, pois os conceitos básicos estarão montados diante das vantagens comparativas que o Nordeste tem. E quando transformarmos as vantagens comparativas em vantagens competitivas, o processo de desenvolvimento da fruticultura irrigada será uma realidade.



**Cerca de** *95% dos europeus jamais colocaram um pedaço de manga na boca, e por isso não sabem o sabor da fruta nem como comê-la. Quando experimentam, jamais deixam de comprar manga.*

■ *Por que a promoção das frutas brasileiras no exterior é tão precária?*

— O Brasil sempre foi uma economia isolada. A fruticultura não foge à regra. O produtor sempre esteve mais preocupado com o mercado interno. Nunca produzimos nossas frutas para o exterior, como a Nova Zelândia faz com o *kiwi*, e o Chile com a uva sem semente. Mas o problema não é só do Brasil. Apesar de a fruta ser o maior mercado agrícola do mundo, ainda assim a promoção em nível mundial é muito pequena quando comparada com a do setor de refrigerantes, por exemplo. Mesmo nos países desenvolvidos, a promoção é de envergadura pífia.

■ *Qual o potencial de crescimento das exportações brasileiras? Hoje, o volume de frutas exportadas pelo Brasil chega a US$105 milhões, enquanto o do Chile alcança US$ 1,5 bilhão...*

— Sempre se faz essa comparação. Sobre isso, é preciso observar o seguinte: o Chile se preparou para exportar fruta, e não para atender ao mercado interno, até porque o país só tem 14 milhões de habitantes, menos do que a Grande São Paulo. Já o Brasil tem condições de se preparar para atender aos mercados interno e externo. O mercado interno é muito grande, e o mercado externo, que cresce US$1,3 bilhão por ano, movimentando hoje US$20 bilhões, é o maior entre todos os de produtos agrícolas do mundo. Como o Brasil exporta US$105 milhões, detém hoje um pouco mais de 0,5% desse mercado, mas tem condições de exportar facilmente US$2 bilhões, o equivalente a 10%. Daqui a 10 anos, podemos chegar a 3 bilhões. Isso sem nenhum sonho. O presidente norte-americano, Bill Clinton, apresentou um projeto de lei ao Congresso que prevê a elevação das barreiras contra as importações de frutas.

■ *As barreiras à entrada das frutas brasileiras nos grandes mercados estão realmente aumentando?*

— Nós nos queixamos muito do protecionismo dos países do Primeiro Mundo em relação à agricultura. Mas temos que, antes de tudo, fazer nosso dever de casa, prepararmo-nos internamente para mostrar a eles que estamos sendo competentes. Se fizermos isso, será bem mais fácil brigar com eles num fórum adequado e dizer que queremos entrar com nosso melão na Califórnia ou na Flórida, porque nosso produto vem de uma área livre, protegida rigorosamente, com as mesmas leis que são aplicadas na Flórida e na Califórnia. Aí, eles não vão ter como negar acesso ao nosso produto. Do contrário, eles continuarão a aplicar suas tarifas, como fazem hoje com o melão nacional, que entre os dias 1º de abril e 30 de novembro, é alvo de uma sobretaxa de 35%. Ou seja, o meu melão só é isento de tarifas nos EUA entre o dia 1º de dezembro e o dia 31 de março.

■ *Quais são os principais entraves para o aumento das exportações: as barreiras tarifárias ou as não-tarifárias, como o controle*

*fitossanitário?*

— Se não nos organizarmos, as barreiras não-tarifárias podem se tornar o grande entrave. Se o Brasil não conseguir implementar de forma eficiente uma política nacional de controle fitossanitário, não vamos jamais conquistar determinados mercados que utilizam como pretexto o fato de não termos uma política de zelo para com nossa agricultura, como principal fator de gargalo para a entrada de nossas frutas nos seus países. Um exemplo é o Japão, onde estamos há oito anos tentando entrar com a manga e não conseguimos, apesar de preenchermos tecnicamente todos os requisitos exigidos por eles em relação ao tratamento fitossanitário, como o tratamento hidrotérmico. Esse mesmo processo é exigido pelos EUA, e nós atendemos e exportamos para lá, também um mercado bastante rigoroso com o controle fitossanitário.

■ *Qual a justificativa dos japoneses?*

— Eles não dão justificativa. Mas presumimos que nosso pouco zelo com o controle fitossanitário seja uma das causas. Um país que se deixa abater por pragas como o bicudo, a mosca branca, a vassoura-de-bruxa e o amarelinho não é bem-visto lá fora. A mosca branca, por exemplo, está praticamente erradicando a cultura do melão na fronteira do Ceará com o Rio Grande do Norte. Alertamos para o perigo dessa praga – que chegou ao país via São Paulo em 1991 –, em função do que aconteceu na Califórnia e no Arizona, provocando prejuízo de US$1,5 bilhão. Ou seja, era mais do que sabido que essa praga atinge diversas culturas e causa prejuízos enormes. No entanto, deixaram que ela entrasse e se espalhasse. E, por ser continental, o país precisa de uma política de defesa sanitária que cubra não só portos e aeroportos, mas também o trânsito entre os estados. É fundamental que os estados se articulem, que criem suas próprias políticas e que estejam integrados entre si, e que criemos áreas livres de pragas para que sejam reconhecidas internacionalmente, para que a gente se possa proteger dessas barreiras não-tarifárias.

■ *Que nota o senhor daria à política de defesa sanitária existente hoje no país?*

— O Brasil não tem hoje uma política de defesa zoofitossanitária. Acho que começa a existir certa consciência nesse sentido dentro do próprio Ministério da Agricultura, mas ainda de forma muito isolada. Até hoje não é uma questão sistêmica dentro do governo. A culpa cabe também aos empresários. Muitas vezes as pragas são trazidas ao Brasil pelos próprios produtores, que se encantam com determinada semente ou muda e trazem-na por falta de consciência. Os importadores, nem se fala, jamais terão essa consciência. Precisamos de uma lei rigorosa que venha a coibir o importador sem bom senso de trazer seus produtos. Nesse aspecto, acho que devemos imitar o sistema altamente eficaz do Chile. De antemão, já são beneficiados pela natureza: ao Norte, o deserto do Atacama; ao Sul, as geleiras; a Leste, o Oceano Pacífico; e a Oeste, a Cordilheira dos Andes. Além disso, os chilenos são rigorosos como ninguém. Talvez a lei que mais funcione no Chile seja a de proteção fitossanitária. Pode-se entrar com tudo no Chile, menos com frutas, sementes e mudas. Eles analisam minuciosamente a sua bagagem pessoal. Como o Brasil é um país continental, o que dificulta o controle, teria de implantar um sistema mais rigoroso que o do Chile.

■ *Qual o melhor mercado para as frutas brasileiras?*

— Hoje, o maior parceiro brasileiro é a União Européia. Mas também temos uma participação razoável nos EUA. Já a Ásia, um mercado imenso, ainda é praticamente desconhecido para o Brasil. Ou seja, temos um mundo a ser conquistado, que depende muito da organização dos produtores, dessa boa interação entre produtores e governo.

■ *O mercado externo é mais vantajoso que o interno?*

— Temos que nos preparar para os dois mercados. O Brasil tem um mercado interno enorme, o que é uma dádiva dos deuses. Por que vamos deixar para os outros? O crescimento das importações é uma amostra de que isso aqui é bom.

■ *É verdade que o consumo de frutas no Brasil ainda é muito pequeno?*

— A informação que temos é de que no Brasil o consumo por habitante é de 33kg de frutas frescas por ano, o que é muito pouco quando comparado a outros países, cuja média passa dos 50kg. Só 3% dos brasileiros consomem frutas de forma sistemática e diária. Ou seja, apesar de o Brasil ser o maior produtor de frutas do mundo com 33 milhões de toneladas, o brasileiro só come fruta quando esbarra nela. Ele não tem consciência do valor nutritivo do produto. Essa falta de consciência nasce, paradoxalmente, de uma certa relação familiar das pessoas com a fruta. A fruta cresce com a gente no quintal de casa e, por isso, não se dá importância. A manga, por exemplo, até pouco tempo não era um produto comercial. As pessoas davam nomes às mangueiras do quintal.

■ *O El Niño preocupa o produtor de frutas? Quais os impactos que este fenômeno climático pode causar?*

— No semi-árido nordestino, nosso maior inimigo, por incrível que pareça, é a chuva. Porque ela traz aumento da umidade relativa do ar, o que contribui para vinda de pragas e doenças. As frutas precisam de secura. Então, o El Niño tem uma contribuição positiva em certo sentido, desde que não seja todos os anos, pois precisamos das chuvas para suprir nossos lençóis freáticos, barragens e açudes, principalmente, no Nordeste, naquele período que vai de fevereiro até maio. Esse ano, por exemplo, o setor frutícola espera estender até maio as exportações para a Europa, que normalmente vão até março. Por conta das fortes chuvas, o Equador e o Peru poderão ser prejudicados em sua safra de manga.

■ *Isso elevará em quanto as exportações de frutas?*

— Ainda não há números definidos, mas espera-se elevar as exportações de melão em torno de 15%. Agora, o excesso de chuvas poderá provocar prejuízos na safra de maçã de Santa Catarina.